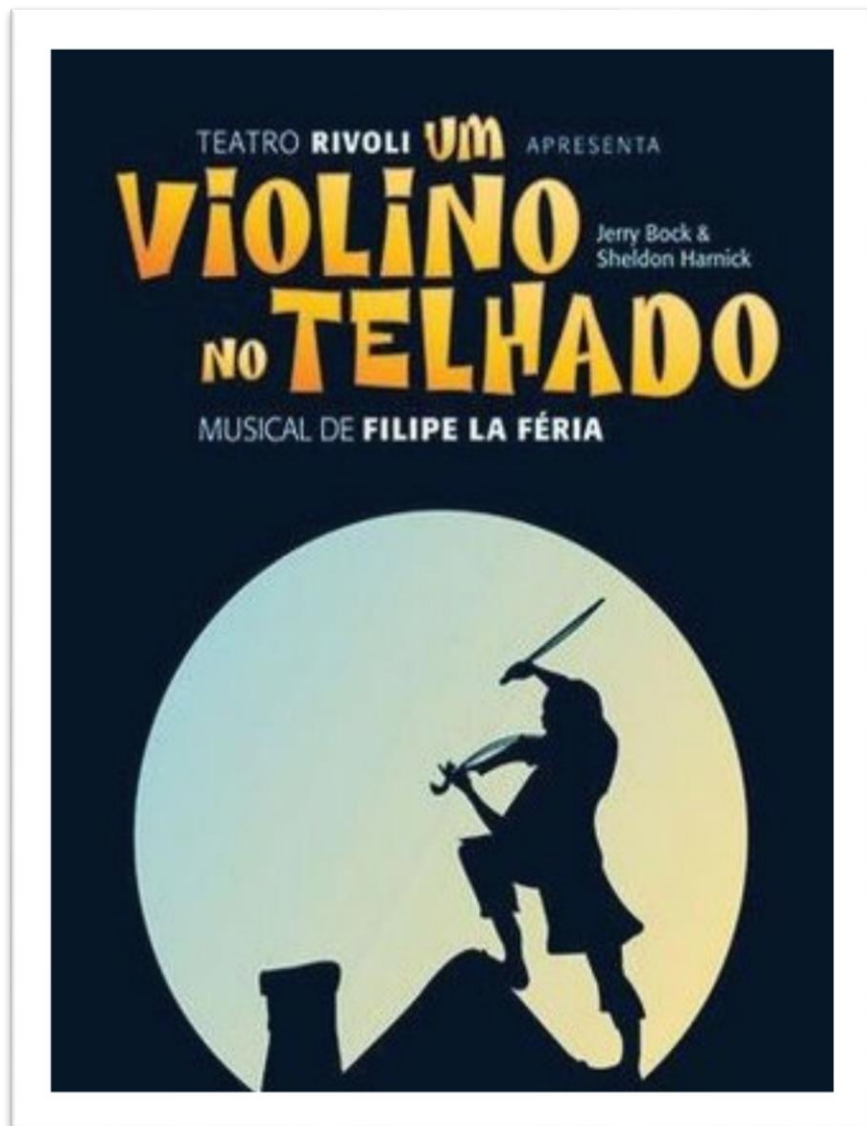


JOÃO ANTÓNIO MARINHO FONTES
Equiparado a assistente: departamento de teatro
Luz & Som

**CANDIDATURA AO TÍTULO DE ESPECIALISTA
ÁREA DE TEATRO - DESIGN DE LUZ
ESMAE/IPP**

PORTO - MAIO
2013



ÍNDICE

- A. Introdução
- B. Singularidade da produção
- C. Texto / Análise
 - 1. Quadro de análise de cena a cena
 - 2. Quadro de intensidade luminosa por cena
- D. Reuniões de produção
- E. Ensaios
- F. Design de iluminação – Conceito
- G. Desenho de iluminação
 - I. Rider técnico do Espetáculo
 - II. Storyboard
 - III. Análise comparativa - Imagens de ensaio - Maquete & Produto final
 - IV. Momentos de iluminação chave - Justificação criativa
 - 1. Aldeia Inicio
 - 2. Taberna
 - 3. Sonho
 - 4. Casamento / Candeeiros
 - 5. Casamento / Fogo e Vídeo
 - 6. Sombras e Folhagens / Harmonia com o Cenário
 - 7. Inverno Tristeza, Pobreza e Frio
- I. Estudos de Iluminação
- J. Planificação e gestão de trabalho técnico
- K. Programação da consola de iluminação
- L. Reflexão
- M. Anexos
 - I. Links de Imprensa
 - II. Exemplares - Fichas técnicas
 - III. Links Fichas técnicas de outros espectáculos
 - IV. Certificado de Habilitações
 - V. Diploma

A. INTRODUÇÃO

O Documento apresentado analisa um trabalho artístico / profissional desenvolvido de forma integral pelo subsequente docente que se propõe ao processo de validação de proficiências enquanto especialista na área de Luz das Artes do Espetáculo.

João António Marinho Fontes- equiparado a assistente do 1º triênio, do curso de Teatro/Produção e Design/Luz e Som, da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Instituto Politécnico do Porto.

“ Um Violino no Telhado” foi uma enorme produção com um orçamento de um milhão e meio de euros, desenvolvida e criada no Rivoli Teatro Municipal, estreou no dia 20 de Junho de 2008 mantendo-se em cena durante oito meses, com mais de 300 apresentações e quinhentos mil espectadores.

Com a encenação portuguesa de Filipe La Féria, “Um Violino no Telhado” fala sobre o impacto das mudanças sociais e políticas no seio das comunidades e das famílias comuns, mas também, sobre as consequências das políticas do preconceito e da intolerância.

A Distinção na escolha do trabalho supracitado, prende-se única e exclusivamente com a consideração pelo produto final, julgando por ventura que esta obra, entre as outras referidas em curriculum vitae, tem a particularidade de ter sido eventualmente a mais equilibrada em todas as naturezas alusivas á criação cénica.

B. SINGULARIDADE DA PRODUÇÃO

A Produção teatral de um produto intitulado como “Teatro Musical”, combina a representação o diálogo e a música, integrando coros, acompanhamento instrumental, interlúdios e muitas vezes a dança num enredo dramático. O género encontra as suas raízes numa vasta variedade de formas teatrais popularizadas no século XIX incluindo a opereta, a ópera cómica, o cabaret, a pantomina, o vaudeville e o burlesco, encontrando a sua expressão mais acabada nos Estados Unidos da América, particularmente nos teatros da Broadway.

O Objeto de análise, é classificado de forma clara e objetiva de índole comercial. A sua meta cirúrgica de captação de massas está intimamente ligada com o enorme investimento de produção realizado aos mais diversos níveis, desde a maquinaria e sistemas motorizados de cena á iluminação, sonoplastia, orquestra, figurinos, adereços, cenários e elenco.

A realidade quando estamos envolvidos numa máquina de produção de esta ordem é completamente alterada, todas as matérias são cuidadosamente avaliadas, os riscos são contabilizados e os timings são determinantes para o encaixe perfeito de todas as camadas, desde o trabalho realizado pelo Departamento Financeiro, Produção, Marketing, Técnico, encabeçados neste caso em particular pelo seu Diretor artístico e encenador.

Há quem ainda insista em dizer que o teatro musical é superficial, fútil e alienado, privilegiando o entretenimento e a forma da apresentação em detrimento do conteúdo e da reflexão. É um preconceito que se criou nos anos de ditadura militar, quando as manifestações artísticas se tornaram um dos instrumentos para combater a opressão, a forte censura e a falta de liberdade de expressão. Naquela época, a arte que não fosse politicamente contratada seria considerada alienada. É um preconceito que já deveria ter sido superado, pois a atual conjuntura política é outra, no entanto, esta forma de criação sobrevive.

A intensidade dramática e a profundidade com que diversas questões de forte conteúdo humanista são apresentadas durante o espetáculo só ficam ainda mais valorizadas com a música que se torna uma aliada eficiente, por emocionar e envolver o público mais naturalmente, propiciando uma maior reflexão.

C. TEXTO - ANÁLISE

“Um Violino no Telhado” é o musical que conquistou o coração de milhões de pessoas em todo o mundo através da sua mensagem universal de amor, fé, tradição e tolerância. Este Musical foi um dos maiores espetáculos da Broadway. Estreado num dos mais carismáticos teatros de Nova Iorque, ganhou todos os Tony Awards em 1965.

“Um Violino no Telhado” é baseado nas histórias de Shalom Aleichem, O enredo passa-se na fictícia Anatevka, um vilarejo da Ucrânia. A personagem principal é Tevye, um leiteiro pobre que tem cinco filhas, uma mulher com uma língua viperina e sarcástica e um cavalo muito preguiçoso que não tem força para puxar a carroça. Apesar da sua pobreza e da austeridade do ambiente, Tevye mantém uma abordagem alegre nas questões da família, dos vizinhos e do seu Deus, a quem ele se dirige como se fosse um dos seus amigos mais próximos, e não tanto como uma força omnipresente a temer. O ano é 1905, onde russos e judeus convivem e têm de enfrentar as tensões de uma Rússia czarista num período pré-revolucionário nas vésperas da “Revolução de Outubro”. No centro da história está a questão da tradição, que dá estabilidade ao povo judeu e define o papel que cada um deve exercer na sociedade: os pais, as mães, os filhos, as filhas, o leiteiro, o açougueiro, o rabino, a casamenteira e até o mendigo. Sem ela, viveriam sob o risco do desequilíbrio e da instabilidade, como um violinista no telhado, daí a analogia que dá o mote ao nome do Musical. Quando as filhas mais velhas do leiteiro Tevye começam a escolher por conta própria os seus maridos, justamente num momento em que as turbulências políticas da época atingem a localidade, a tradição é questionada e toma corpo a necessidade de se adaptar aos novos tempos.

C. 1. Quadro de análise de cena a cena

Cena	Local	Ambiente Atmosférico	Iluminação de cena
1- Inicio Introdução	aldeia	Noite - Amanhecer	Especial Lua e escuro com pontual no violinista e no protagonista
2- Apresentação personagens	Aldeia	Sol - Verão	Forte / Quente / Alegria e Vida
3- Apresentação da família de Tevey	Interior da casa de Tevey	Sol - Verão	Iluminação geral com maior incidência no interior da casa
4 - 3 Filhas	Quintal da casa	Sol - Verão	Mesma luz com reforço na musica da utilização de Followspots
5-Musica Central "Ai se eu fosse Rico"	Junto á casa de Tevey	Sol - Verão	Mesma luz com reforço na musica da utilização de Followspots
6-Apresentação de forasteiro	Junto á casa de Tevey	Final de tarde	Iluminação de característica mais avermelhada, por do sol
7-Sabbath	Interior da casa de Tevey	Final de Tarde / Noite	Todo o redor da casa com tons avermelhados e azuis noturnos interior da casa quente como se iluminado pelos candeeiros do sabbath
8-encontro de tevey e carnicheiro	Taberna	Noite	Noite circundante e iluminação de interior quente na taberna
9-Encontro com o general	Rua	Noite	Escuro noite e nuvens
10-Lição do forasteiro ás filhas pequenas	Rua	Pleno dia	Luz forte e quente
11-Dança do forasteiro com a filha do meio	rua	Pleno dia	Luz forte e quente
12-Tevey anuncia acordo com carnicheiro	Quintal de sua casa	Dia / Sol	Iluminação aberta bem iluminada
13-Dança alfaiate com a filha mais velha	Aldeia	Sol - Verão	Forte / Quente / Alegria e Vida
14-Sonho	Interior da casa de Tevey e exterior espaço não identificado	Noite e Magia	Iluminação completamente Mágica com diversos efeitos para contextualizar sonho, cena de pura ilusão

C. 1. Quadro de análise de cena a cena

Cena	Local	Ambiente Atmosférico	Iluminação de cena
15-Defesa de soldado á filha mais nova de Tevey	Quintal da casa	Sol - Verão	Início do dia, laranjas e iluminação de início do dia
16-Casamento	Não identificado	Noite	Noite especial lua e especiais luz não convencional 30 candeeiros pendurados
17-Fim de casamento	Não identificado	Noite	Tragédia vermelhos especial luz vermelho luz diminui para vencer a projeção de vídeo e efeito da calha de fogo
18-2º Ato início tevey fala com Deus	exterior da casa de Tevey	Final de Tarde	Outono ambiente mais denso, menos brilhante
19-Tevey discute com forasteiro e filha e concede autorização para casarem	exterior da casa de Tevey	Final de Tarde	Mante-se ambiente com adição de followspots
20-Tevey conta á esposa	Interior de casa de tevey	Por do sol	Escuro noite com incidência no interior da casa
21-Alvorço no vilarejo	Rua	Nascer do dia	Luz aberta e brilhante
22-Tevey despede-se da sua filha	Estação de comboios	noite	Luz, nuvens azuis sombras para conseguir mais densidade na cena
23-Máquina de costura	Casa de alfaiate	Fim de tarde	Luz fechada e pontualizada á esquerda
24-Pedido de casamento á filha mais nova	Exterior vila	Fim de tarde	Luz densa tons outonais
25-Reflexão de Tevey	Exterior floresta	Noite	Azuis escuros projeção das árvores a todo o redor Galhos que dominam a cena
26-Tevey denega a sua filha mais nova	Exterior floresta	noite	Azuis escuros projeção das árvores a todo o redor Galhos que dominam a cena + followspots
27-União do povo	Exterior floresta	Dia	Luz fria, sem brilho sem cor – inverno e tristeza
28-Revolução	Exterior floresta	Dia	Luz fria, sem brilho sem cor – inverno e tristeza Especiais robos a dar movimento ás marcações

C. 1. Quadro de análise de cena a cena

Cena	Local	Ambiente Atmosférico	Iluminação de cena
29-União do povo	Exterior	Frio e sem horário	Frio denso, dramático
30-Abandono de anatefka	Ruas da vila	Frio sem horário	Frio denso, dramático
31-Reflexão final de Tevye e abandono da sua família de anatefka	Não identificado	Noite	Volta a cor muito débil com corredor diagonal de percurso de abandono
32-Fim			B.O

C. 2. Quadro de intensidade luminosa por cena

Cena / Intensidade Lux média	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%
1		■								
2									■	
3							■			
4							■			
5								■		
6							■			
7					■					
8							■			
9		■								
10								■		
11							■			
12							■			
13							■			
14			■							
15						■				
16					■					
17				■						
18							■			
19							■			
20			■							
21						■				
22				■						
23				■						
24					■					
25			■							
26			■							
27							■			
28						■				
29					■					
30				■						
31			■							
32	■									

D. REUNIÕES DE PRODUÇÃO

As reuniões de produção são o embrião da criação artística, depois da escolha do “produto” pelo diretor artístico dá-se lugar á conjugação de ideias das diferentes partes criativas, desde a encenação aos figurinos passando pela cenografia e a direção de iluminação e sonoplastia.

É essencial que todas as partes envolvidas se identifiquem com a matéria, entendo que todos os criativos deverão estar em perfeita harmonia com as conceções centrais do Diretor artístico / Encenador, de outra forma o produto é desvirtuado e naturalmente desequilibrado.

Os desenhos são a fonte inspiradora de todas as partes. Todas as áreas deverão esboçar os diferentes caminhos na procura da inspiração que os levará a tomar as opções mais precisas para a sintonia global.

O Instrumento de trabalho escolhido para concretizar e demonstrar as minhas ideias criativas foi e será sempre o papel os traços a perspetiva dos desenhos e numa segunda fase mais definida, mais concreta aonde as marcações em ensaio são mais precisas utilizo o recurso á ferramenta de trabalho virtual WYSIWYG.

E. ENSAIOS

Os ensaios num processo criativo de “work in progress”, como o próprio nome indica é um processo de formação continua aonde as ideias e as experimentações são praticadas no intuito de encontrar a resposta mais efetiva para um determinado momento. Obviamente que esta fase embrionária faz com que a criação floresça e possa ser moldada pelos diferentes criativos envolvidos, a função de um criativo na área da iluminação é estar atento a todas estas fases é também ter um papel ativo na partilha de soluções que sejam necessárias encontrar é também fornecer ao encenador atalhos criativos e técnicos de apoio a dramaturgia e á ideia concreta que este responsável máximo pretende expor, a iluminação poderá fornecer soluções de timings de cena que permitam caminhos mais curtos de encontro á concretização da cena. Temos de ser também criativamente dinâmicos para nos adaptarmos ás mudanças vitimas deste processo e criativamente sensíveis para compreender muitas vezes os novos rumos que são dados ás cenas em particular e ao espetáculo em geral.

Esboços no papel geram forma no pensamento e transmitem ideias aos restantes, quando as marcações ganham estrutura concreta a captação vídeo é fundamental para registar o progresso e para nos dar a base pra que possamos trabalhar distantes dos ensaios pensando na implementação no espaço e sem o recurso ás pessoas compreender a implantação física do material técnico. Desta maneira constituímos o nosso “Storyboard” (G. II) digital. Processo fundamental no percurso do desenho de iluminação.

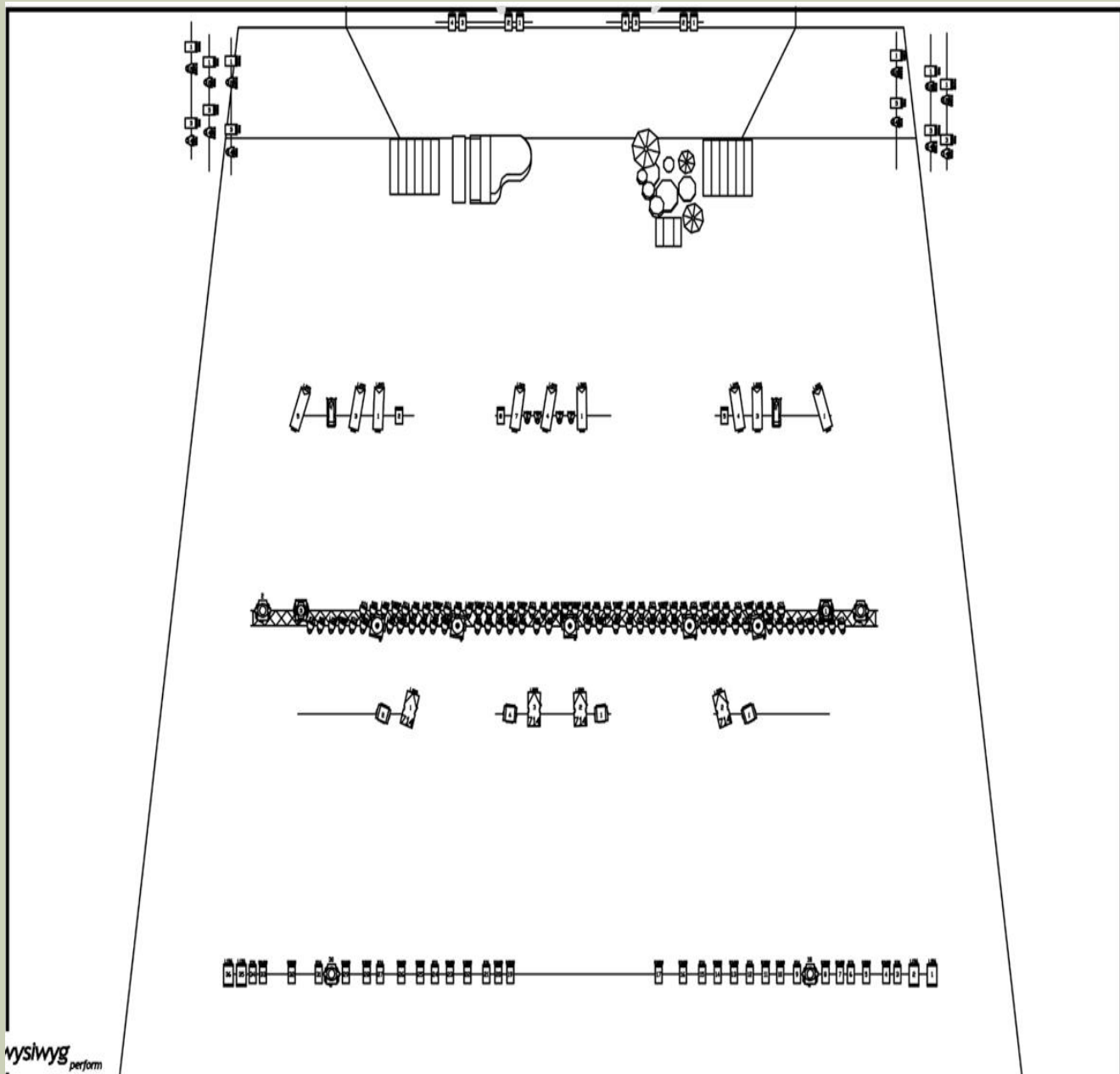
F. DESIGN DE ILUMINAÇÃO – CONCEITO

Quando falamos em “Teatro Musical”, falamos obviamente de um estilo de espetáculo destriçado dos restantes e ao mesmo tempo é curioso constatar como nenhum outro será tão completo como este, ou seja, não existe outra forma de apresentação aonde estejam reunidos as vertentes de “Interpretação”, “Dança” e o “Canto”, portanto estamos presentes de uma fórmula de excessos aonde o brilho e a cor pode á imagem das áreas complementares atingir proporções de saturação que dificilmente em outra área de apresentação seria possível. Consequência de um investimento dramático em todas as áreas o apelo é obviamente generalista, a meta é a vertente comercial, pois só desta forma será possível reverter o investimento.

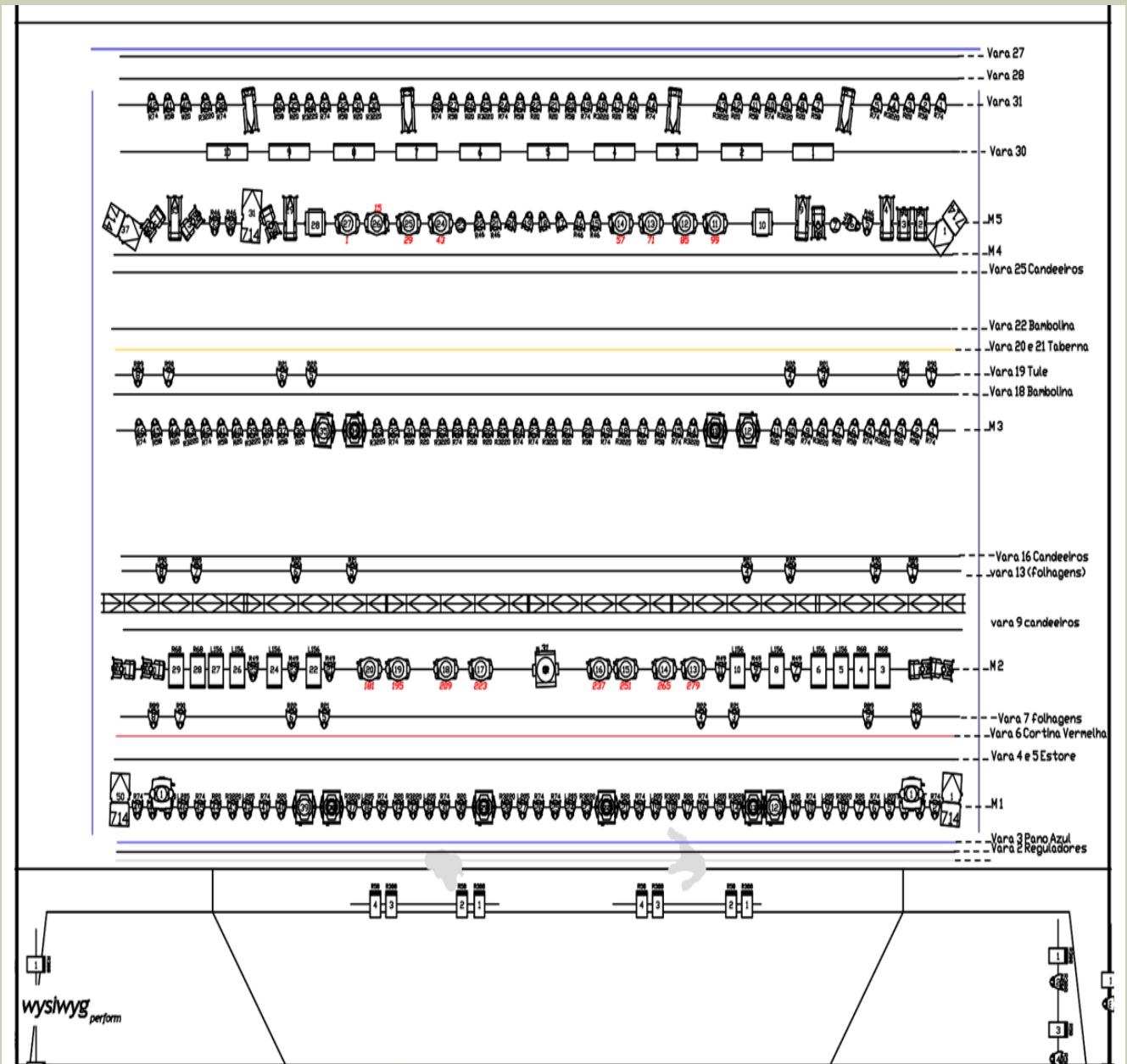
Consequência do supra mencionado acredito que a iluminação assume um papel decisivo na abordagem criativa referida, a iluminação deverá ser afirmativa e poderosa, assim como, a clareza das cenas. A simbologia e as interpretações mais eruditas deverão passar para um segundo plano, dando lugar ao brilho á força e á cor, a iluminação encontra o seu caminho de excessos e de abundancia deveremos proporcionar á cena, toda a força necessária enquadrando de forma magistral as loucas coreografias ou as cenas mais emocionantes passando pelos contrastes de momentos mais fechados, sendo também este momentos os que proporcionam o balanço e o equilíbrio que permite as oscilações que desta maneira ganham ainda mais vigor.

Acredito pela experiencia em vários musicais realizados que o conceito deverá proporcionar ao publico o impacto de os prender á cadeira, a força para os deixar sem respiração e a subtiliza para os fazer emocionar, este penso ter sido o caminho percorrido também neste trabalho aonde a critica a esta área em particular, foi imensamente positiva.

G. DESENHO DE ILUMINAÇÃO 1/2 (FOH)



G. DESENHO DE ILUMINAÇÃO 2/2 (PALCO)



I. RIDER TÉCNICO DO ESPECTÁCULO

1/2

Palco

Boca de Cena – 14 m

Altura do Quadro de Cena - 8 m

Largura Interior Palco - 25 m

Altura da teia a partir do Palco - 18 m

Profundidade útil do Palco - 13m

Inclinação do palco - 0%

Necessidade de área mínima de palco em quarteladas - 12 m x 8m

Maquinaria de Cena

Mínimo 30 Varas contrapesadas

Carga mínima por vara contrapesada - 500Kg

Panejamento de Cena mínimo de 10 pernas (9M (A) x 2,50M (L))

5 Bambolinas de (3M (A) X 17M (L))

Cyclorama PVC Branco Translúcido (18M (L) X 9M (A))

Fundo negro (18M (L) X 9M (A))

Truss de 40 x 40 com 16M de extensão

8 Motores Pontuais de 1000K

Sistema de Intercomunicação Técnica

Palco - 3 pontos

Follow Spot – 1X1 pontos

Bastidores - 1 pontos

2 Régies - 1 Cada

01 Pontos - 4 Canais

Direcção de Cena - 1 unidade

06 (Móveis) Emissor / Receptor C / Belt- Pack

I. RIDER TÉCNICO DO ESPETÁCULO

2/2

Iluminação Convencional

40 Projetores de Ciclorama STRAND Oríon 1, 1250W;
10 Projetores de Ciclorama STRAND Íris 1, 1250W;
08 Projetores de Ciclorama STRAND Íris 4 split, 1250W;
300 Projetores PAR64, 1000W – 230V (CP60, 61 ou 62 – 1000W)
10 Projetores PAR36, 300W – 230V (CP60)
50 Projetores PC STRAND Cantata 4,5°/52,7° c/ pala rotativa, 1200W;
15 Projetores PC STRAND Alto PC 4°/58° c/ pala rotativa, 2000W;
20 Projetores de Recorte SELECON Pacific 23°/50° com zoom, 1000W;
10 Projetores de Recorte STRAND Alto 8°/16° com zoom, 2500W (só)
10 Projetores de Recorte Robert Juliat 714SX2 15°/40° com zoom;
04 Projetores Compact Fresnel ADB CH50 9,3°/55° com palas, 5000W;
04 Follow Spots
02 PANI 2500W Projeção de Efeitos
2 Máquinas de Fumo

Iluminação Robotizada

24 Clay paky Alpha Wash 1200W
14 Clay paky Alpha Spot 1200W
6 High End Showgun 2000W

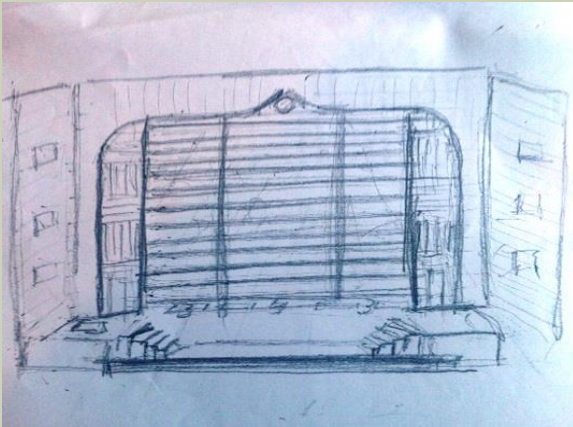
Circuitos

Palco – 200 circuitos de 2.5Kw, 06 circuitos de 5Kw
Fora da Área de Palco – 100 circuitos de 2.5Kw; 06 circuitos de 5Kw
50 Canais Directos 16 A Monofásicos
1 Canal Directo 32 A. Trifásico

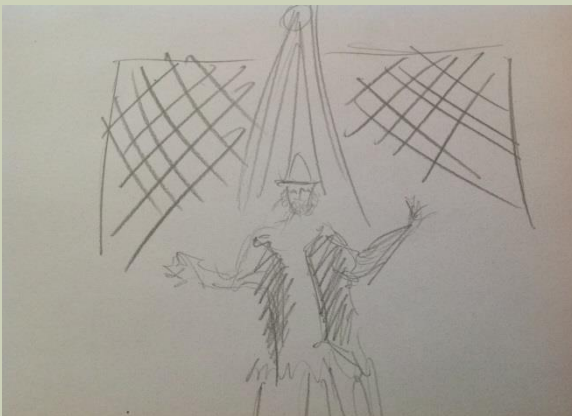
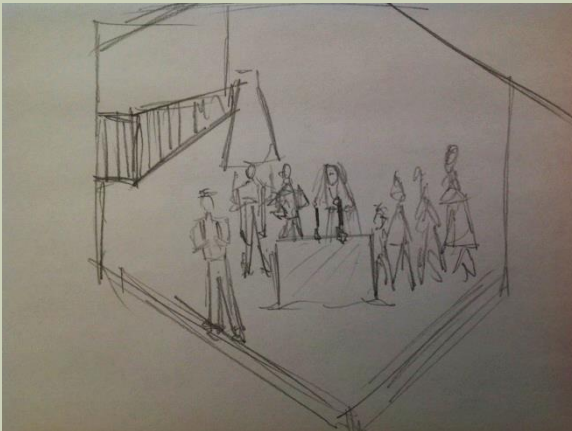
Comando de luz

1 Mesa Grand MA Full Size

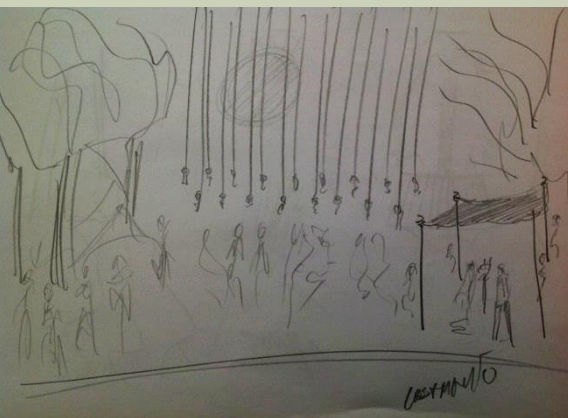
G.II. STORYBOARD



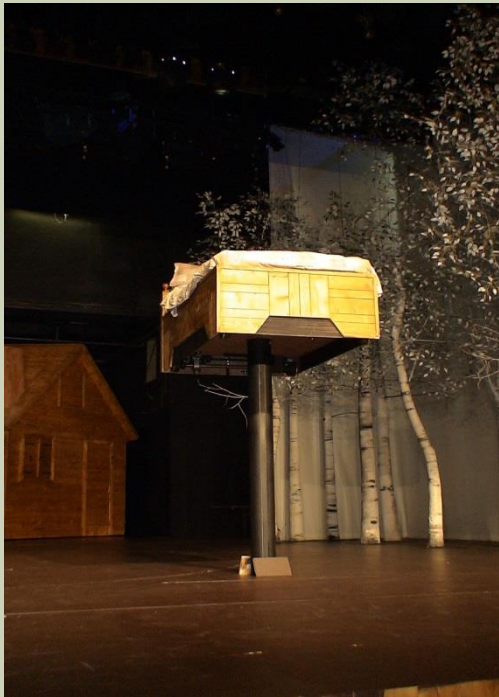
G.II. STORYBOARD



G.II. STORYBOARD



G. III. ANÁLISE COMPARATIVA IMAGENS DE ENSAIO – MAQUETE & PRODUTO FINAL



G. III. ANÁLISE COMPARATIVA IMAGENS DE ENSAIO – MAQUETE & PRODUTO FINAL



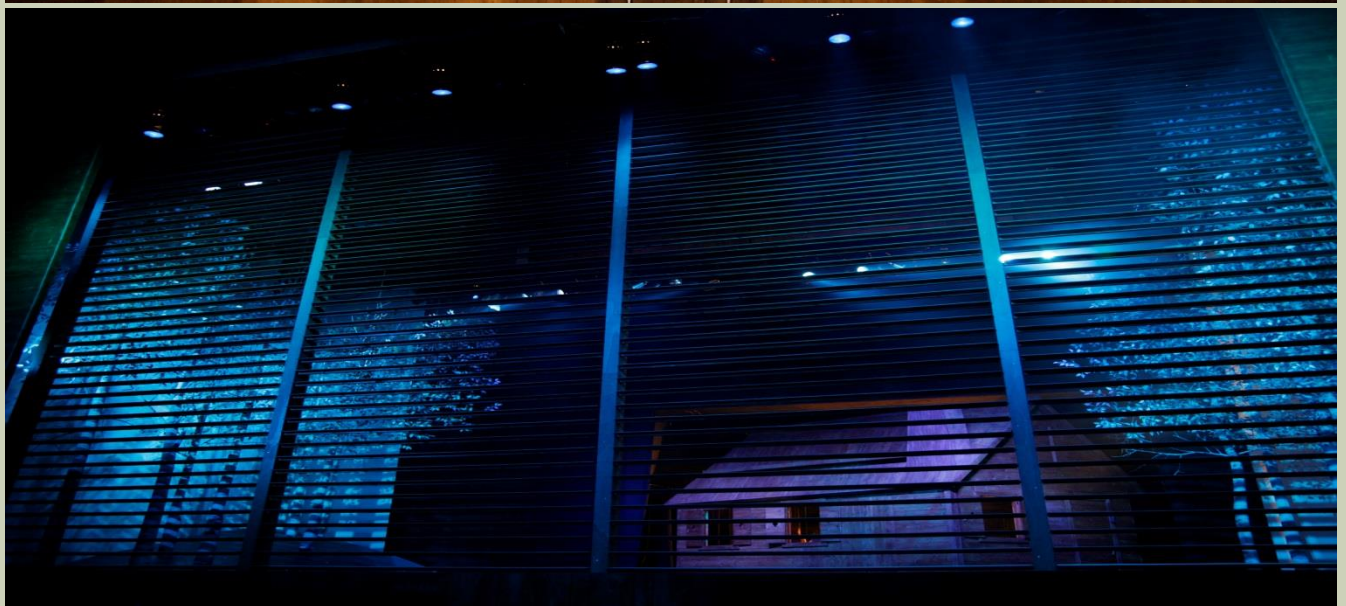
G. III. ANÁLISE COMPARATIVA IMAGENS DE ENSAIO – MAQUETE & PRODUTO FINAL



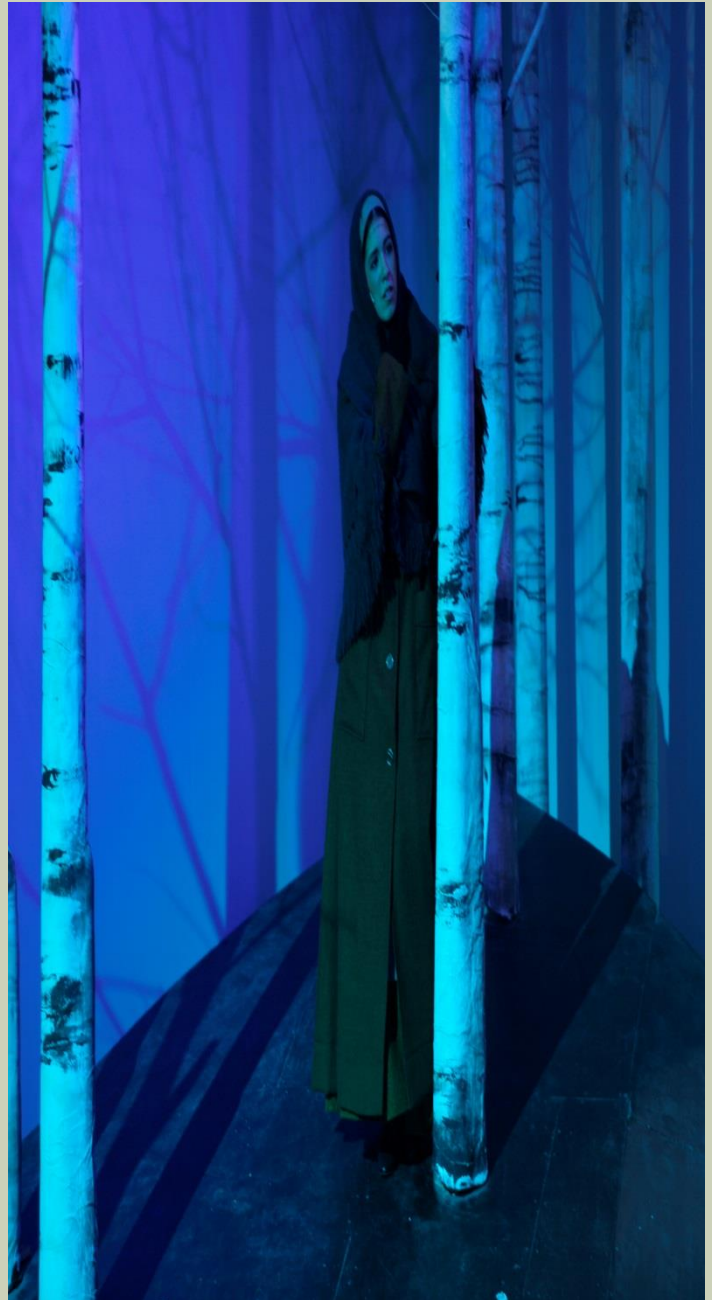
G. III. ANÁLISE COMPARATIVA IMAGENS DE ENSAIO – MAQUETE & PRODUTO FINAL



G. III. ANÁLISE COMPARATIVA IMAGENS DE ENSAIO – MAQUETE & PRODUTO FINAL



G. III. ANÁLISE COMPARATIVA IMAGENS DE ENSAIO – MAQUETE & PRODUTO FINAL



G. III. ANÁLISE COMPARATIVA
IMAGENS DE ENSAIO – MAQUETE
&
PRODUTO FINAL



G. III. ANÁLISE COMPARATIVA
IMAGENS DE ENSAIO – MAQUETE
&
PRODUTO FINAL



G. IV. 1. ALDEIA INICIO

Esta cena representava uma localidade, feliz e esperançosa, ultrapassando as adversidades da vida com alegria e trabalho.

A opção de iluminação neste momento em particular era efetivamente acentuar o espírito de brilho, cor e júbilo existentes na dramaturgia da cena.



G. IV. 2. TABERNA

O Local exibido era fundamental para o desenvolvimento da história, aqui decide-se em ambiente festivo a promessa de casamento de uma personagem importante da história.

A Iluminação teria de ser dividida em duas formas o exterior de forma simbólica, trabalhando a noite para contextualizar temporalmente a ação e o interior da taberna que muito bem iluminado reforçava a alegria comemorativa do momento supra referido



G. IV. 3. SONHO

Aqui a personagem principal descrevia á sua esposa o sonho que “teria” tido...

Momento fantástico do espetáculo aonde a realidade se confunde com o surreal, a magia toma conta do palco e tudo parece possível, diferente de tudo o que se vira até então e de tudo o que se verá daqui em diante, a iluminação em tons dinâmicos e socorrendo-se desta feita de todas as suas valências técnicas. Sem limites os robôs alucinam o público, para eles próprios serem envolvidos na loucura do quadro apresentado.



G. IV. 4. CASAMENTO / CANDEEIROS

Casamento de duas personagens centrais.

Momento fundamental no decorrer da ação, a magia do Amor invade a cena, somos transportados para um momento harmonioso e encantador, a iluminação contextualizando a noite insere um gráfico de Lua para fortalecer a imagem do quadro, os candeieiros compostos por lâmpadas de imitação de labareda, inserem um atributo único ao momento, com utilização puramente figurativa e sem relevância na iluminação da cena auxiliam o recurso da iluminação acrescentando mais valia simbólica ao momento.



G. IV. 5. CASAMENTO / FOGO

Casamento destruído.

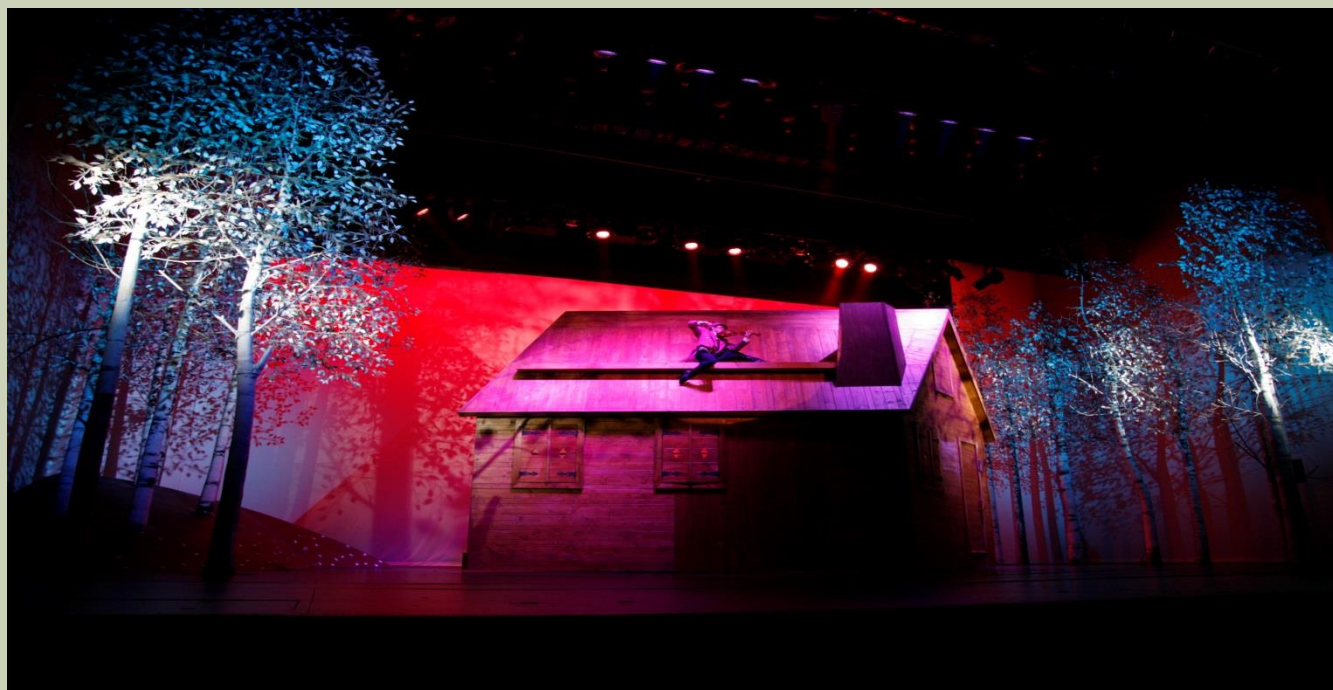
A iluminação outrora harmoniosa é desfeita e com tons violentos e dramáticos acrescento tensão ao momento a lua antes “bela” é também devastada pelo vermelho, o ciclorama previamente sublime, ganha agora tons sombrios a aldeia antes festiva, vive agora um momento massacrante. A iluminação assume um carácter ilustrativo concedendo o peso de mudança necessário á cena.



G. IV. 6. SOMBRAS E FOLHAGENS HARMONIA COM O CENÁRIO

Alguns momentos aonde as sombras assumem caráter determinante nas cenas.

Recorrendo ao cenário e às suas potencialidades, usando de forma intencional as projeções das sombras nos seus 3 cicloramas, acrescenta-se desta forma mais um fator distintivo da iluminação neste espetáculo, a colocação estratégica de 2 robôs de lente tipo fresnel em suportes pensados de forma exclusiva para este trabalho, através de um ângulo altamente limitado, conseguindo desta forma acrescentar valores de iluminação que inicialmente tinham sido unicamente considerados.



G. IV. 6. SOMBRAS E FOLHAGENS HARMONIA COM O CENÁRIO



G. IV. 6. SOMBRAS E FOLHAGENS HARMONIA COM O CENÁRIO



G. IV. 6. SOMBRAS E FOLHAGENS HARMONIA COM O CENÁRIO



G. IV. 7. INVERNO TRISTEZA, POBREZA E FRIO

Expulsão dos habitantes das suas raízes da sua terra.

Cena aonde as fragilidades do povo, vítima de exclusão de um regime começam a ganhar forma, carentes de alimentos e de destino são afastados dos seus lares e reduzidos a nada.

A Iluminação assume um caracter de frieza uma intensidade despida de cor, aqui a iluminação teria de assumir, não só a característica temporal da estação do ano, o inverno, mas também refletir a ausência de esperança e a crueza do momento. A cor deixa de existir, assim como a vida naquele local.



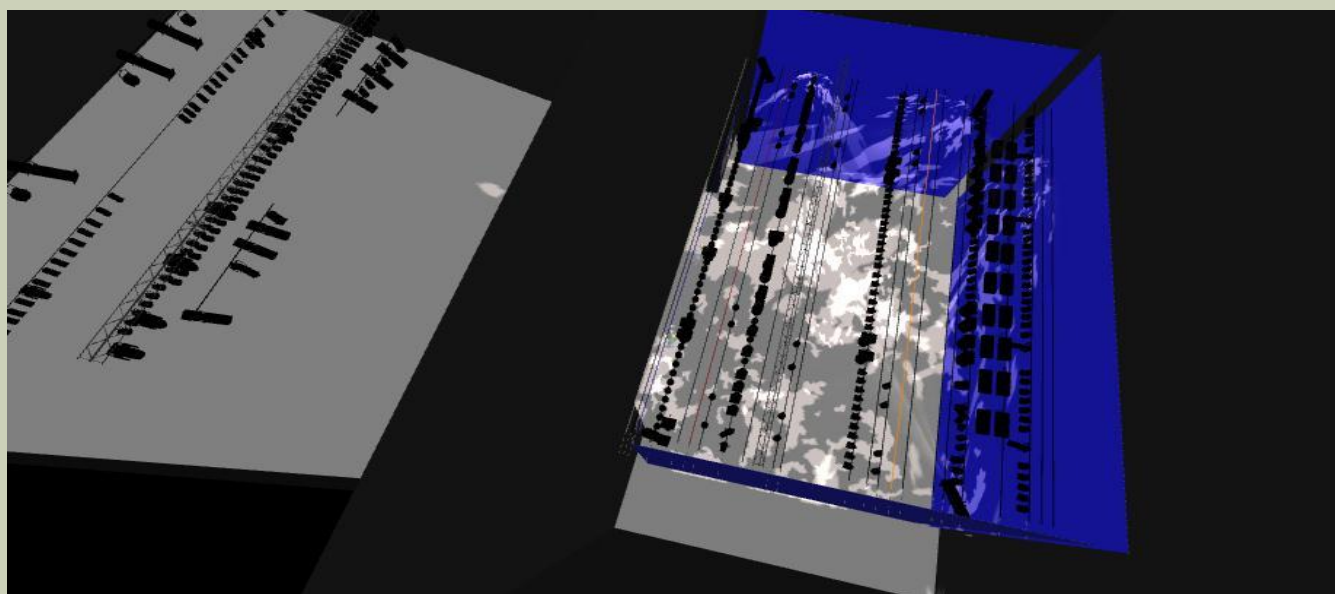
G. IV. 7. INVERNO TRISTEZA, POBREZA E FRIO



G. IV. 7. INVERNO TRISTEZA, POBREZA E FRIO



I. ESTUDOS DE ILUMINAÇÃO



I. ESTUDOS DE ILUMINAÇÃO



I. ESTUDOS DE ILUMINAÇÃO



J. PLANIFICAÇÃO E GESTÃO DE TRABALHO TÉCNICO

Quadros representativos da organização de Montagem de Iluminação

Montagem Violino

ILUMINAÇÃO

Dia 4					Dia 5					Dia 6				
Tec/ Per.	Manhã	Tarde	Noite	Madrug.	Tec./Per.	Manhã	Tarde	Noite	Madrug.	Tec./Per.	Manhã	Tarde	Noite	Madrug.
Hugo					Hugo					Hugo				
Sérgio					Sérgio					Sérgio				
Luis					Luis					Luis				
Carlos					Carlos					Carlos				
T. Pedro					T. Pedro					T. Pedro				
Obs.														
Dia 7					Dia 8					Dia 9				
Tec/ Per.	Manhã	Tarde	Noite	Madrug.	Tec./Per.	Manhã	Tarde	Noite	Madrug.	Tec./Per.	Manhã	Tarde	Noite	Madrug.
Hugo					Hugo					Hugo				
Sérgio					Sérgio					Sérgio				
Luis					Luis					Luis				
Carlos					Carlos					Carlos				
T. Pedro					T. Pedro					T. Pedro				
Obs.														
Dia 10					Dia 11					Dia 12				
Tec/ Per.	Manhã	Tarde	Noite	Madrug.	Tec./Per.	Manhã	Tarde	Noite	Madrug.	Tec./Per.	Manhã	Tarde	Noite	Madrug.
Hugo					Hugo					Hugo				
Sérgio					Sérgio					Sérgio				
Luis					Luis					Luis				
Carlos					Carlos					Carlos				
T. Pedro					T. Pedro					T. Pedro				

J. PLANIFICAÇÃO E GESTÃO DE TRABALHO TÉCNICO

Quadros representativos da organização de Montagem de Iluminação

ILUMINAÇÃO															Montagem Violino					
																				MAIO
																				Obs.
Dia 19	9h30/13h	14h30/19h	20h30/0h	0h/...	Dia 20	9h30/13h	14h30/19h	20h30/0h	0h/...	Dia 21	9h30/13h	14h30/19h	20h30/0h	0h/...						
Tec/ Per.	Manhã	Tarde	Noite	Madrug.	Tec./Per.	Manhã	Tarde	Noite	Madrug.	Tec./Per.	Manhã	Tarde	Noite	Madrug.						
Hugo					Hugo					Hugo										
Sérgio					Sérgio					Sérgio										
Luis					Luis					Luis										
Carlos					Carlos					Carlos										
T. Pedro					T. Pedro					T. Pedro										
																				Obs.
Dia 22	9h30/13h	14h30/19h	20h30/0h	0h/...	Dia 23	9h30/13h	14h30/19h	20h30/0h	0h/...	Dia 24	9h30/13h	14h30/19h	20h30/0h	0h/...	Dia 22					
Tec/ Per.	Manhã	Tarde	Noite	Madrug.	Tec./Per.	Manhã	Tarde	Noite	Madrug.	Tec./Per.	Manhã	Tarde	Noite	Madrug.	Feriado					
Hugo					Hugo					Hugo										
Sérgio					Sérgio					Sérgio										
Luis					Luis					Luis										
Carlos					Carlos					Carlos										
T. Pedro					T. Pedro					T. Pedro										
																				Obs.
Dia 25	9h30/13h	14h30/19h	20h30/0h	0h/...																
Tec/ Per.	Manhã	Tarde	Noite	Madrug.																
Hugo																				
Sérgio																				
Luis																				
Carlos																				
T. Pedro																				

J. PLANIFICAÇÃO E GESTÃO DE TRABALHO TÉCNICO

Movimentações de cenografia e candeeiros

I ACTO	
Cena 1	Final desce o Cyclorama
Cena 2	Subir Carros de Mão
Cena 3	Preparar Taberna
Cena 3A	Serafim regulador direita
	António regulador esquerda
	Paulo baixa o estore
	Paulo baixa a taberna
	Rui sobe pano preto
	Fernando Cyclorama
	António/ Rui abre o portão
	António e Serafim - Regulador
	Fernando baixa e preta
	Paulo sobe o estore
	Serafim mesas e cadeiras
Taberna 4	Sobe estore
	Abertura reguladores até porta
	Entrada da Cidade nas Danças dos judeus
Taberna 5	Cortina azul Serafim
	Abre Regulador Direita Serafim
	Abre Regulador Esquerda Rosa
	Cyclorama - desce Fernando
	António e Rui fecham portão Taberna
Cena 6	Serafim sobe o pano azul
	Serafim desce a cama (Musica Milagre)
	Fernando desce a cama
Cena 7	(cuco)
(Sonho)	Serafim monta cama comando
	Serafim - lateral direito caracol
	? - Desce Painel
	Rui - Calha Vão
	Paulo - Encaixa a cama

J. PLANIFICAÇÃO E GESTÃO DE TRABALHO TÉCNICO

Movimentações de cenografia e candeeiros

Arrumação Sonho	Fernando sobre cyclorama
	Rosa segura Cidade
	Paulo - passadeiras
	João e Rui - Calha vôo
	Serafim - Reguladores
	Paulo, António e Rui tiram chapas
	Rui - Fogo na Saída dos Cossacos
Intervalo	Serafim/ Fernando e Rui sobem candeeiros
	Fernando sobe cyclorama e pano preto
	Rui e António tiram calha
	Rosa, João, António e Fernando tiram Cadeiras
	Serafim baixa comboio
	João, António tapam fogo
	Paulo sobe a casa
	Rosa trata do carro do Raposo e mete bilhas na casa
	Fernando baixa o cyclorama e pano preto
	Serafim baixa cortina vermelha
	Rui, Fernando e Serafim colocam carros de mão no fundo e sobem mesas
	Fernando tira as cordas/ Cadeira Oficina Luz
II ACTO	
Início	Sobe Régua
	Sobe Pano Vermelho
Cena II	Roda a casa
	Roda novamente a casa
	Desce o estore
	Serafim mete regulador direita
	Nuno Martins mete regulador esquerda
	Fernando desce cyclorama
	Paulo fecha o estore
	Serafim tira a carroça
Notícias Frescas	Abre o estore

J. PLANIFICAÇÃO E GESTÃO DE TRABALHO TÉCNICO

Movimentações de cenografia e candeeiros

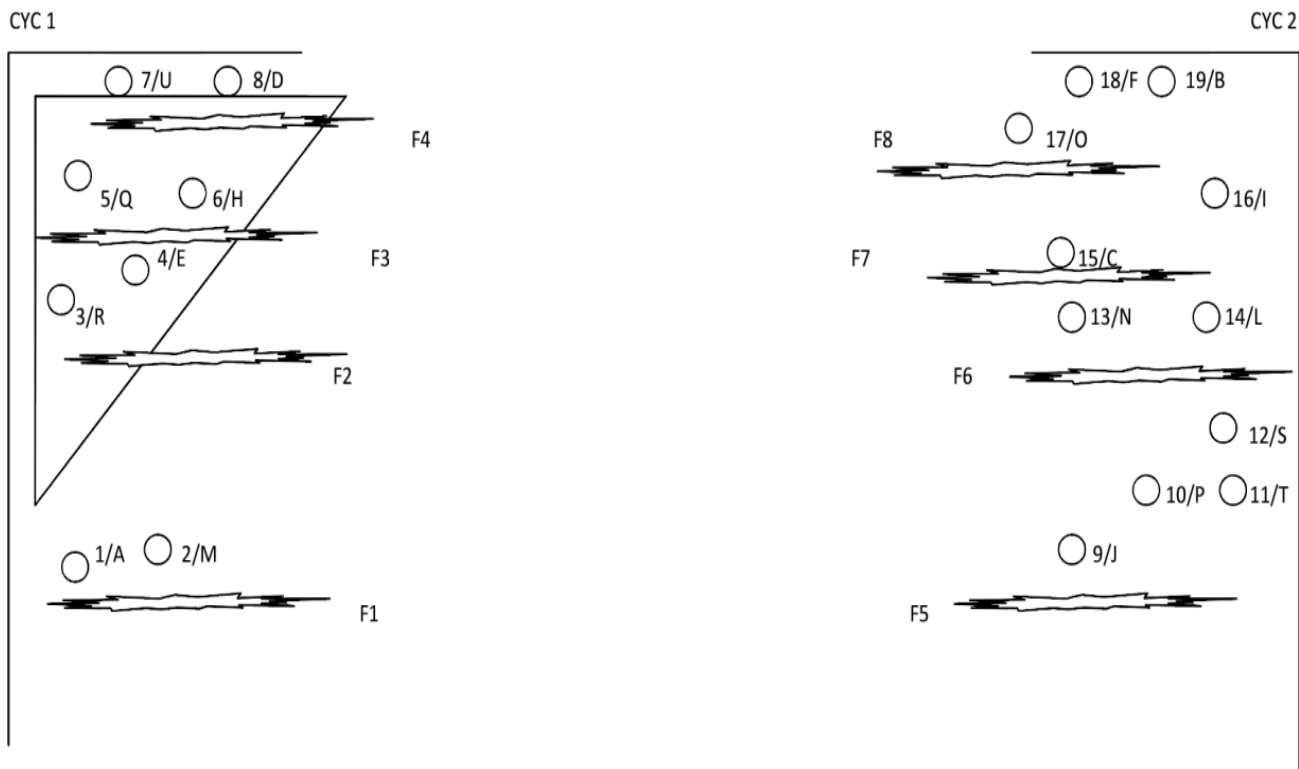
	Levanta o estore
	Serafim abre reguladores
	António abre reguladores
Despedida	Ruben - fosso/ mete a máquina costura/ sobe a máquina
	Entra regulador
	Paulo - tapetes rolantes
	Todos - Comboio
Final Costura	Ruben - Baixa elevador/ tira a máquina
	Rosa recolhe regulador
	Paulo roda bolacha
Início da Música	Serafim/ Rui/ António/ Fernando sobem folhagem
Voz	João prepara a cidade
Fim Cena	B.O
Chava	João, Paulo e Rui metem 1º bloco da cidade
	Entram judeus e 2º bloco
	Serafim, Rui, Fernando e Paulo preparam carros
	Rosa prepara adereços em cima das carroças
Anatevka	
Final	Serafim, Rui, Fernando, Paulo tiram cidade
	Rosa desce a Régua e Sobe

J. PLANIFICAÇÃO E GESTÃO DE TRABALHO TÉCNICO

Implantação no espaço das árvores, para compreender as limitações de utilização das varas de iluminação.

“Um Violino No Telhado”

Planta Árvores



J. PLANIFICAÇÃO E GESTÃO DE TRABALHO TÉCNICO

UM VIOLINO NO TELHADO

TEIA | Rivoli Teatro Municipal

Vara	Carga	Peso Aproximado	Distancia á Boca de Cena
	Cortina Corta-fogo		0
1	Bambolina de Madeira	200K	50cm
Régia	Cortina Régia	50K	80cm
2	Reguladores de Madeira	Sustentação ao Solo	1m10
3	Cortina Azul	10K	1m27
M1	Iluminação	220 K	1m51
Manual	Bambolina	20K	1m70
4, 5, 6	Estore	2500 K	2m26
7	Cortina Vermelha	70K	2m77
8	Folhagens 1	10K	3m
M2	Iluminação	300 K	3m45
9	Candeeiros (10)	20K	4m10
10, 11	Calha de Voo	Fixo á Teia	4m60
12	Painel Quarto	100K	5m
13	Folhagens	10K	5m30
14	Bambolina	20K	5m53
15	Candeeiros (10)	20K	5m75
M3	Iluminação	200 K	6m30
19	Folhagens	10K	7m
20, 21	Taberna	500 K	7m30
22	Bambolina	20K	7m75
23	Folhagens	10K	7m95
25	Candeeiros	20K	8m50
M5	Iluminação	60 K	9m25
30	Iluminação	240 K	10m50
31	Iluminação	350 K	10m90
Manual	Bambolina	20K	11m66
27	Cyclorama	75K	11m95
28	Fundo Preto	70K	12m10
29	Cyclorama	75K	Laterais
32	Cyclorama	75K	Laterais

K. PROGRAMAÇÃO DA CONSOLA DE ILUMINAÇÃO

O Desenhador de Iluminação pode não possuir os conhecimentos necessários para a programação de um determinado controlo de luzes, julgo no entanto que o facto de no meu caso específico, conseguir manipular de forma total os mecanismos de programação da mesa de iluminação que estava no espaço, fez com que os processos de programação fossem mais céleres.

O software off-line de programação da mesa de iluminação foi também uma ferramenta preciosa no auxílio á rentabilização de tempos durante o processo de pré produção e que teve impacto direto no processo de implantação do desenho e das montagens e naturalmente de programação. Este método permite antecipar efeitos, sincronização de determinados temas musicais, assim como, otimização de faders auxiliares, extra programação corrente.

Acredito que o processo dinâmico de programação em conjunto com o encenador, será determinante nesta fase final do desenho de iluminação, aqui demonstramos em loco ideias finais e tempos de passagem de cenas que deverão ser ajustados pela dinâmica da própria cena e dos atores ou relevância musical.

A sensibilidade do desenhador de iluminação é neste período um recurso basilar para o produto final, qualquer montagem técnica executada durante o processo, passa neste momento a ser fulcral na definição da programação e caso tenha existido durante as fases anteriores um mau calculo de implantação, neste momento será ruído num processo que se pretende fluido de noções e intenções plásticas.

Julgo o processo de programação determinante para a conclusão estética do produto que construímos, neste procedimento circunscrevemos através de excertos de cor, brilho, sombra e tempos de passagens precisos e arrepiantes a magia que compõe os quadros de cena, como se de pinturas se tratasse.

L. REFLEXÃO

O conhecimento prático da linguagem cênica, desenvolvido em mais de 10 anos de profissão, potencializou a minha capacidade de entendimento, estudo e articulação das diferentes linguagens artísticas inerentes a todas as áreas criativas e técnicas alusivas a este trabalho. A mesma experiência referida, apoiou-me no que se refere á compreensão dos procedimentos logísticos do processo de produção do espetáculo, característicos da complexidade do mesmo, obstáculos e resultados, assim como, na possibilidade de apreender com a encenação e com as exposições de todas as áreas, registos vídeo de ensaios, críticas e análises.

A Relação da iluminação com a construção do espetáculo e a sua consciência não seguiu uma linha contínua ou qualquer noção de progresso, muito pelo contrário, aconteceu em momentos aleatórios e em direções diversas. Este processo de transformação da iluminação cênica foi desenvolvido em harmonia com a dinâmica da criação artística do produto em causa.

As maiores dificuldades de atuação, surgem no decurso da implantação prática do material de iluminação, aonde, pela enormidade de recursos técnicos, somos incumbidos da responsabilidade de articular em coordenação direta com o responsável técnico e em sintonia com os criativos, o nosso desenho de luz em consonância com os trabalhos de cenografia, mecanismos de cena, panejamento, som e vídeo.

A organização de um processo como o referido é fundamental para que o calculo de tempos de montagem não atrasem o procedimento de “spacing” da encenação e da coreografia e por sua vez não derrape o decurso dos ensaios e da tão economicamente calculada estreia.

L. REFLEXÃO

Entendo ter sido “Feliz” pela oportunidade de integrar a “máquina” de produção de espetáculos responsável pelo evento referido, que embora fosse um trabalho tal como muitos outros, difícil e moroso, o resultado final fez de mim um muito melhor técnico, um muito melhor Designer, um profissional muito mais capaz.

A iluminação cénica é muito mais do que técnica, perspicácia ou sorte...

A perfeita noção de ter conseguido através da iluminação concretizar as intenções criativas às quais me propus foi o espelho nos olhos dos espectadores que se envolviam a cada atuação pelos quadros apresentados, sentindo-se muitas vezes transportados para a cena, esquecendo, segundo relatos reais, que estavam dentro de um teatro. A Adesão massiva do público é também prova da passagem de críticas positivas entre os espectadores e os novos públicos.

Por último acredito que o barómetro da minha própria emoção é testemunho de ter concretizado os momentos de iluminação da melhor forma, o facto de me arrepiar nas passagens das deixas de luz, comprovam que para a minha sensibilidade o trabalho foi conseguido.

A harmonia existente entre todas as áreas, resultou num produto equilibrado e de enorme dignidade.

M. ANEXOS

I. LINKS DE IMPRENSA

<http://lauroantonioapresenta.blogspot.pt/2008/12/um-violino-no-telhado-i.html>

http://www.filipelaferia.pt/umviolinonotelhado/imprensa/20090121_audiencia.pdf

http://www.filipelaferia.pt/umviolinonotelhado/imprensa/20080625_lusa_lf_estreia_rivoli_megaproducao_vnt.pdf

http://www.filipelaferia.pt/umviolinonotelhado/imprensa/20081203_audiencia.pdf

http://www.filipelaferia.pt/umviolinonotelhado/imprensa/20080628_pd_vnt_do_rivoli.pdf

http://www.filipelaferia.pt/umviolinonotelhado/imprensa/20080704_jn_jr_tenho_sido_sortudo.pdf

http://www.filipelaferia.pt/umviolinonotelhado/imprensa/20080524_cm_lf_convidado.pdf

http://www.filipelaferia.pt/umviolinonotelhado/imprensa/20080514_lusa_jr_protagonista_vnt.pdf

M. ANEXOS

II. EXEMPLARES - FICHAS TÉCNICAS

Operação luz e som: **Virginia Esteves**

Cartaz e programa: **Susanne Rösler**

Montagem: **Octávio Oliveira**

A Arca do Não É - 20 anos depois estreia

Abril 2002 – Teatro da Vilarinha, Porto

Encenação: **João Luiz**

Texto: **Manuel António Pina**

Dramaturgia e texto do programa: **Maria João Reynaud**

Cenário: **Rosa Ramos**

Figurinos: **Susanne Rösler, Rosa Ramos**

Música: **Tilike Coelho**

Desenho de luz: **Rui Damas**

Interpretação: **Anabela Sousa, Paulo Oliveira, José Pedro Ferraz**

Operação de luz e som: **Octávio Oliveira**

Montagem: **João Fontes, Marcos Nunes**

Carpintaria: **Manuel Oliveira**

Cartaz e programa: **Maria Augusta Araújo**

Trabalhos de Ulisses

estreia

Fevereiro 2002 – Teatro da Vilarinha, Porto

Leitura encenada em sete línguas, a partir da “**Odisséia**” de **Homero**

Concepção e realização: **João Luiz**

Cenário e figurinos: **Susanne Rösler**

Interpretação: **Sandra Farias** (Português), **Carla Portugal** (Francês),
Cristina Loureiro (Grego), **Esther Richards** (Inglês), **Kevin de Smet** (Holandês),
Maria-Sisko Suvanto (Finlandês), **Massimo Bussone** (Italiano)

Desenho de luz: **João Fontes**

Montagem: **Marcos Nunes**

Produção: **Manuel Gama**

Operação de luz e som: **Octávio Oliveira**

Coordenação: **Dominique Lecloux, Clara Paulino**

M. ANEXOS

II. EXEMPLARES - FICHAS TÉCNICAS

/ Oficina
/ Teatro Oficina
/ Artesanato

Histórico

XVIII Feira de Artesanato de Guimarães
The SymphOnyx
2005
Auto da Índia, de Gil Vicente
Concerto pela Memória, Cursos Internacionais de Música
Os Laureados em Concursos Internacionais - Clarinete, Cursos Internacionais de Música
Festas da Cidade e Gualterianas 2005
Olimplaff
As Estórias do Barão, Espaço Oficina
Manecas Costa, Largo da Oliveira
Primeiro Olhar, Por Regina Guimarães
A Técnica da Máscara e o Jogo do Círculo, Workshop de Teatro
Hinoportuna, Tuna Académica do Instituto Politécnico de Viana do Castelo
Canto da Terra, FEIRA DE ARTESANATO
Trovas ao Vento, Feira de Artesanato
Lusíadas, Feira de Artesanato
XVII Feira de Artesanato de Guimarães, Pavilhão Multiusos de Guimarães
Ellas, Raquel Ralha e Sofia Lisboa
Estrela, José Peixoto e Filipa Pais
Auto da Índia, de Gil Vicente
O Atraso de Godot, Samuel Beckett
Arte de Palmo e Meio, Sílvia Correia e Felicidade Bela Alves
Les Porteuces de Mauvaises Nouvelles, Auditório da Universidade do Minho
Masterclass de Iniciação à Dança Contemporânea
Tralha, Maria João e Mário Laginha
Jorge Cruz Apresenta..., Espaço Oficina
A Queda dos Cutileiros, Graeme Pulleyn
La Voix de la Muette, com Franck Dinet

Teatro Oficina

28 e 29 de Janeiro às 22h00
30 de Janeiro às 16h00
A Queda dos Cutileiros
Graeme Pulleyn

Se a criação de uma peça de teatro é uma aventura, e tem por obrigação de o ser, não devemos, não podemos saber por onde caminhamos. Podemos levar mapas. Podemos aprender com outros que já visitaram lugares semelhantes. Podemos preparar e planear a nossa expedição.

Contamos com as nossas experiências do passado e escolhemos a nossa equipa com cuidado, mas ao fim e ao cabo, só é uma verdadeira aventura se descobrimos um território novo, algo que não vem no nosso mapa. Temos que saber arriscar, aproveitar as oportunidades que se apresentem e estar dispostos a deixar que cego guie cego no escuro.
Foi assim que dois Ingleses e um Belga lideraram uma expedição, que incluía também um explorador Brasileiro e três Portugueses e que começou em Guimarães. Nos bastidores um forte campo base forneceu todo o apoio logístico e moral necessário para o sucesso. Partimos à procura de uma cimeira.
A viagem levou-nos a dois sítios ao mesmo tempo: para dentro de Guimarães e para dentro de nós próprios. Para dentro do nosso actual meio local e para dentro do contexto maior da condição humana. Olhamos e escutamos à nossa volta. Ouvimos o que os outros tinham a dizer, passeamos nos jardins do Palácio de Vila Flor, comemos nas tascas da Rua de Camões, rimo-nos das extravagâncias do rocó e tentamos compreender os ritmos das fábricas de cutelaria. Olhamos para nós próprios, para o modo como vivemos, a forma como amamos, como cada um luta pela própria sobrevivência e dois meses mais tarde chegamos à .. Queda dos Cutileiros. *Graeme Pulleyn*

informação extra

Idéia original **Graeme Pulleyn**, **Walter Janssens**, **Helen Ainsworth**
Encenação **Graeme Pulleyn**
Direção musical e encenação **Walter Janssens**
Cenografia e figurinos **Helen Ainsworth**
Interpretação **Carlos Rego**, **Cecília Dias**, **Diana Sá**, **Emílio Gomes**
Desenho de luz **João Fontes**
Execução de figurinos **Sofia Leite**
Execução de cenografia **José Gonçalves**
Assistência técnica e montagem **Jacinto Cunha**

M. ANEXOS

II. EXEMPLARES - FICHAS TÉCNICAS

FC PRODUÇÕES TEATRAIS

Historial Programação 2005 Espectáculos para digressão Escola da Máscara **III Festival**



· III Festival Internacional de Máscaras e Comediantes

· "O Médico à Força", Teatro Oficina (Portugal)

· "El Lacayo Fingido", Teatro del Finikito (Espanha)

· "As Desventuras de Isabella", FC Produções Teatrais (Portugal)

· "Viagem ao País da Máscara", Mas Soengeng (Bali)

· "Conferência/demonstração sobre a Commedia dell'Arte", por Adriano Iurisevich

· "Conferência/demonstração sobre o Teatro Balinês", por Mas Soengeng

· "Animação com Máscaras

Balinesas", por Mas Soengeng

· "À Descoberta da Commedia

dell'Arte", de Philippe Pastot

· Lançamento do livro "Zani, Mercenario de la Piazza Europea", por Marco Rota

III Festival Internacional de Máscaras e Comediantes

«O Médico à Força», de Molière
Teatro Oficina (Guimarães/Portugal)

5 de Novembro, às 22h00, no Teatro Casa da Comédia

"Na sua farsa, "O medico à força", Molière mistura o tema do casal e da medicina.

A cena de disputa do casal que abre a peça é uma das mais famosas do teatro clássico francês. Vai tranquilamente das queixas aos insultos e dos insultos às "mãos".

O médico que Molière apresenta não é um verdadeiro médico, é o Sganarelle, um lenhador malicioso, disfarçado «à força» de médico. Então pode-se rir dele e com ele, dos seus diagnósticos, das suas explicações e dos seus remédios.

A relação da doença com o médico não mudou. O medo da doença e da morte põem o médico sobre um pedestal. O discurso medico, incompreensível por definição e por função, não responde ao doente : « Porquê é que eu estou doente?»

Depois de um curto eclipse no século XIX, a Commedia dell'Arte volta como um modelo de teatro completo baseado sobre uma formação completa do actor, com uma liberdade de actuação, ao mesmo tempo maior e mais disciplinada. Molière, aluno do ilustre, Tiberio Fiorelli, criador da personagem de Scaramouche, deve muito à Commedia dell'Arte.

"Neste projecto gostaria de referir o nosso trabalho com esse género que privilegia o prazer do jogo do actor com improvisações, movimentos precisos e estilizados, grandes ritmos, disfarces e situações absurdas."

Ficha Artística

Texto: Molière | Ideia Original, encenação e cenografia: Denis Bernard | Interpretação: Carlos Rego, Marta Gonçalves, Diana Sá, Emilio Gomes, Sérgio Grilo | Desenho de Luz: João Fontes | Máscaras e figurinos: Marta Silva | Execução de máscaras: Marta Silva | Execução de figurinos: Sofia Leite | Execução de cenografia: José Gonçalves | Assistência técnica e de montagem: Jacinto Cunha | Produção: Teatro Oficina

Mais informações

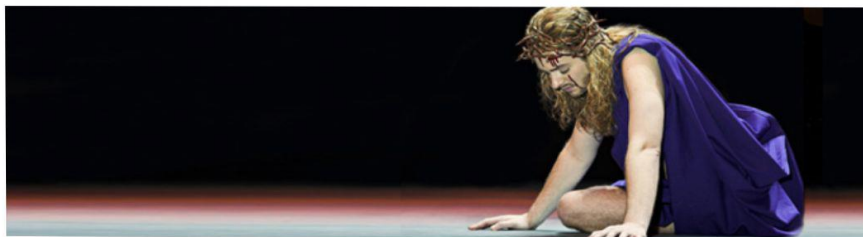
R. São Francisco de Borja, 22 - Tel.: [21 395 94 17/8](tel:2139594178) Fax: [21 395 94 19](tel:213959419)

Email: casadacomedia@mail.telepac.pt

M. ANEXOS

II. EXEMPLARES - FICHAS TÉCNICAS

FICHA TÉCNICA



Libreto

Tim Rice

Musica

Andrew Lloyd Webber

Direcção Artística, Adaptação, Encenação e Cenografia

Filipe La Féria - [Ver biografia](#)

Direcção de Produção

Conceição Carvalho
Maria Ruivo

Tradução

Filipe La Féria
António Leal - [Ver biografia](#)

Direcção Vocal e Assist. Encenação

António Leal

Produção e Direcção Musical

Telmo Lopes - [Ver biografia](#)

Coreografia

Inna Lisniak - [Ver biografia](#)

Figurinos

Filipe La Féria
Com: Dielmar
Tecidos: Cunha Rodrigues
Calçado: Helsar

Mestra de Guarda-Roupa

Helena Brandão - [Ver biografia](#)

Guarda-Roupa

Helena Brandão
Catita Soares
Helena Resende

Maquilhagem e Cabelos

Gena Ramos
Amélia Lopes

Penteados de Cabeleiras

Gena Ramos

Adereços

Luís Stoffel - [Ver biografia](#)
Ana Paula Madeira
Nuno Elias
Virgínia Ricco

Direcção de Cena

Alberto Villar

Direcção de Montagem

Filipe La Féria

Contra-Regra

Rosário Balbi
Maria Neprintseva

Desenho de Som

Felício Fialho

Desenho de Luz

Filipe La Féria
João Fontes

Montagem Cenográfica

Contubos
Alberto Sá, Lda

Operação de Luz e Coordenação Técnica

João Fontes

Luz

Antony Fialho
Carlos Martins
Fernando Balo
João Dinis
João Martins
Manuel Joaquim

Operação de Som

Felício Fialho
Elin Giermundsen

Maquinista

Miguel Augusto

Técnicos de Palco

Slava Dotchkine
Nelson Rodrigues

Assistentes de Camarim

Helena Resende
Andreia Rodrigues
Tatiana Costa Correia

Operação de Video e Legendagem

João Martins
Ana Balbi

Video

AVGlobal

Imagem Gráfica

DCE

Fotografia

Marta Ferreira
Tratto / David Guimarães
Pedro Soares

Website

Produção Musical

Programação MIDI

M. ANEXOS

II. EXEMPLARES - FICHAS TÉCNICAS

berma de um telhado.

"Um Violinista no Telhado! Parece uma coisa de doidos? Mas aqui na nossa pequena aldeia de Anatevka pode dizer-se que cada um de nós é um violinista no telhado a tentar tocar uma melodia agradável e simples sem partir o pescoço. Não é fácil. Talvez perguntem como é que mantemos o equilíbrio? Isso posso dizer-vos numa palavra: Tradição".

As Tradições sempre foram a "pátria portátil" dos judeus e uma fonte de força nos momentos difíceis da sua História. Porém, o mundo não pára e a evolução dos tempos vai pôr em questão o sentido e a viabilidade de muito desses costumes.

ELENCO

JOSÉ RAPOSO

TEVYE

José Raposo iniciou-se no teatro infantil, pela mão de Francisco Nicholson em 1981, no Teatro AdHoc, cuja companhia integrou. Fez teatro de revista nos palcos do Teatro Maria Vitória, Teatro Variedades e do Teatro ABC, tendo sido fundador com Maria João Abreu da produtora A Toca dos Raposos, período onde apresentou espectáculos como «O Troilaré, Ó Troilaré», «Tem a Palavra a Revista» ou «O Estádio da Nação». Interpretou as peças «O Processo de Jesus» de Diego Fabri no Teatro da Trindade, «Volpone» de Ben Johnson no Teatro Aberto ou «O Último dos Marialvas» de Neil Simon na Casa da Comédia. Em encenações de José Carretas protagonizou «Malaquias» de Manuel de Lima e participou em «Boleto» no Teatro Villaret. Foi dirigido por Jean Jordheuil em «Germânia 3» de Heiner Muller (CCB) e por André Gago em «Os Portas» de John Godber no Teatro Nacional D. Maria II. Fez ainda teatro musical, participando em Annie de Thomas Meehan, sob a direcção de Armando Cortez no Teatro Maria Matos.

Em 2003, participou no espectáculo «Cada Dia Um a Um a Liberdade e o Reino», dirigido por Jorge Silva Melo e trabalhou com Filipe La Féria em «A Rainha do Ferro Velho» de Garçon Kanin no Teatro Politeama em 2004. Fez televisão, integrando o elenco de novelas, séries (2002 - Bons Vizinhos, 1998 - Ballet Rose de Leonel Vieira, 1998 - Médico de Família, 1995 - Pensão Estrela, 1990 - O Posto, 1990 - O Cacilheiro do Amor, 2007 a 2009 - Conta-me como foi, 2007 - Resistirei) e telefilmes de realizadores como Ruy Guerra, Tiago Guedes e Rita Nunes.

Actor regular no cinema, participou em mais de dez películas, entre elas, Aqui na Terra (1993) de João Botelho; Sapatos Pretos (1998), Ganhar a Vida (2001) e Noite Escura (2004) de João Canijo; Os Mutantes (1998) de Teresa Villaverde; Corte de Cabelo (1995) de Joaquim Sapinho; Viúva Rica Solteira Não Fica (2006) de José Fonseca e Costa; Senhor Jerónimo (1998) de Inês de Medeiros; Camarate (2001) de Luis Filipe Rocha, A Costa dos Murmúrios (2005) de Margarida Cardoso, Filme da Treta (2006) de José Sacramento e Call Girl (2007) de António Pedro Vasconcellos.

Depois de um estrondoso desempenho no musical de Filipe La Féria, «A Gaiola das Loucas», que esteve em cena no Teatro Rivoli, no Teatro Politeama e no Centro de Congressos do Arade no Algarve; JOSÉ RAPOSO ganhou o Globo de Ouro do Melhor Actor de Teatro pela sua magistral interpretação como protagonista de «UM VIOLINO NO TELHADO» que, depois do sucesso na cidade do Porto, chega a Lisboa e sobe ao palco do Teatro Politeama no próximo mês de Outubro.

RITA RIBEIRO

GOLDE

Filha dos aclamados actores Fernando Curado Ribeiro e Maria José, também foi como actriz que Rita Ribeiro chegou ao conhecimento do grande público. Na década de 80, pisou os palcos do Teatro Adoque e surgiu na televisão em telenovelas como Origens (1983) e Palavras Cruzadas (1985), enquanto as suas primeiras incursões no cinema foram Saudades Para Dona Genciana (1986) e Querido Liliás (1988). No entanto, continuou a somar êxitos no teatro com Aqui Há Fantasmas (1987) e What Happened to Madalena Iglésias (1989), peça que iniciou uma produtiva parceria com Filipe La Féria.

Esta manteve-se em Passa por Mim no Rossio (1992), onde interpretou magnificamente a figura de Laura Alves; em Maldita Cocaína (1993-1994) e De Afonso Henriques a Mário Soares (1995). Em 1999, somou novo êxito com a interpretação de Maria Callas, pela qual recebeu vários prémios de interpretação.

Esta foi uma das maiores interpretações de Rita Ribeiro, galardoadas com todos os prémios da imprensa num espectáculo de La Féria sobre a eterna diva da ópera em que a grande actriz obteve um desempenho unanimemente considerado perfeito, num espectáculo que esgotou, durante um ano, o Teatro Politeama e que foi um dos maiores êxitos de sempre do Coliseu do Porto.

No ano seguinte, seria uma das heroínas de Tennessee Williams em Rosa Tatuada" também com encenação de Filipe La Féria, onde Rita Ribeiro mede o seu talento com a imagem inesquecível de Anna Magnani, a genial actriz italiana e onde Rita Ribeiro tem de novo uma interpretação memorável. Após o que se segue uma separação de dez anos entre Filipe La Féria e Rita Ribeiro.

FICHA TÉCNICA

DIRECÇÃO ARTÍSTICA, ENCENAÇÃO, TRADUÇÃO E CENOGRAFIA
Filipe La Féria

BASEADO EM CONTOS DE SHOLEM ALEICHEM
Libreto | Joseph Stein
Música | Jerry Bock
Letra | Sheldon Harnick

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO
Carlos Gonçalves | Maria Ruivo

DIRECÇÃO VOCAL
Tiago Isidro

DIRECÇÃO E PRODUÇÃO MUSICAL
Telmo Lopes

COREOGRAFIA
Inna Lisniak

DIRECÇÃO DE CENA
Helena Rocha

DIRECÇÃO FINANCEIRA
João Borges Lourenço | João Silva Santos

ASSESSORIA JURÍDICA
Rui Colmonero

FIGURINOS
Filipe La Féria

TECIDOS
Cunha & Rodrigues

CALÇADO
Helsar

CONSULTORIA DE GUARDA-ROUFA
Laurinda Farmhouse

GUARDA-ROUFA
Catita Soares | Helena Resende

ALFAIATE
José Carlos

COORDENAÇÃO GERAL DE MAQUILHAGEM E CABELOS
Carlos Feio

PENTEADOS DE CABELEIRAS
Carlos Feio

ADEREÇOS
Miguel Quina

DIRECÇÃO TÉCNICA
Fernando Mendes | João Fontes

SOM
Ricardo Ceitil | Pedro Torres

DESENHO DE LUZ
Filipe La Féria | João Fontes

M. ANEXOS

III. LINKS DE FICHAS TÉCNICAS DE OUTROS ESPETÁCULOS

<http://www.youtube.com/watch?v=D3RcoDJWxnI>

<http://www.esmae-ipp.pt/gca/index.php?id=334>

<http://www.filipelaferia.pt/fado/index.htm>

<http://www.filipelaferia.pt/annie/index.htm>

<http://www.filipelaferia.pt/o-feiticeiro-de-oz/index.htm>

<http://www.filipelaferia.pt/agaioladasloucas/ficha.htm>

<http://www.filipelaferia.pt/westsidestory/ficha.htm>

<http://www.filipelaferia.pt/um-violino-no-telhado/index.htm>

<http://www.filipelaferia.pt/jesus cristos superstar/tecnica.htm>

<http://www.filipecrawford.com/festival/medico.htm>

<http://pedevento.pt/espectaculos.htm>

<http://direitoacena.blogspot.pt/2007/10/dizem-que-uma-espcie-de-apresentao.html>

<http://www.aoficina.pt/historico.php>

<http://comeapapajonix.blogspot.pt/2007/02/soap-opera-organizacao-theatro-circo-de.html>

M. ANEXOS V. DIPLOMA

